

EDITORIAL

Finalizamos o ano de 2022, décimo ano de atividades da Revista Tessituras, com a publicação do volume 10, número 2. Nesta edição, que também é parte das comemorações de 10 anos do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt/UFPel), apresentamos o Dossiê Artesanatos e Territórios, organizado por Maria Catarina Chitolina Zanini, Daiane Loreto de Vargas e Flávia Maria da Silva Rieth. Diversos são os nomes de autoras/es que contribuem em seus textos à discussão proposta pelas organizadoras do Dossiê Artesanatos e Territórios, a saber: Lisandro Lucas de Lima Moura, Claudia Turra Magni, Isabel Soares Campos, Patrícia dos Santos Pinheiro, Gabriela Novaes Santos, Carolina Iuva de Mello, José Marcos Froehlich, Miriel Bilhalva Herrmann, Lissette Torres-Arévalo, Narjara Mendes Garcia, José Kasio Barbosa da Silva, João Bosco Moura Filho, Bárbara Nunes de Santana, Ana Georgina Peixoto Rocha, Iraíldes Caldas Torres, Naia Maria Guerreiro Dias, Gonzalo Prudkin, Juliana Porto Machado, Ronaldo Bernardino Colvero. Além do conjunto de onze textos que compõem o Dossiê, esta edição da Revista Tessituras apresenta os artigos livres “A consolidação da fenomenologia nas produções científicas arqueológicas no Brasil”, de autoria de Sabrina Maciel, Kelly de Oliveira e Neli Galarce Machado e “O imaginário como forma de entender a constituição das cidades”, com autoria de Cláudio Baptista Carle e Flávia Segat.

Agradecemos todas as pessoas que contribuíram nesta edição e desejamos uma boa leitura!

Comissão Editorial da Revista Tessituras.



PPGAnt

10 anos
Nota **5** CAPES

Pedro Luís Machado Sanches¹
Rogério Reus Gonçalves da Rosa²

OS PRIMEIROS 10 ANOS DO PPGANT-UFPEL PARA ALÉM DOS NÚMEROS

¹ Arqueólogo e coordenador adjunto do PPGAnt-UFPEL

² Antropólogo e Coordenador do PPGAnt-UFPEL.

O Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas completa uma década de existência com 120 dissertações de mestrado e 14 teses de doutorado defendidas. Se o seu maior valor são as pessoas que nele buscaram formação e, por meio dele, se titularam, cabe nessa nota alusiva ao decênio destacar a trajetória de quem hoje detém um título de pós-graduação conferido pelo PPGAnt-UFPeL.

Uma das características que marcam a primeira década de existência do PPGAnt é o seu pioneirismo em ações afirmativas. Não só por ter sido o primeiro programa de pós-graduação da UFPeL a destinar vagas para indígenas, quilombolas e pessoas negras, mas principalmente porque as cotas étnico-raciais no PPGAnt correspondem a 25% das vagas oferecidas em cada edital de seleção para Mestrado ou Doutorado. A essas se acrescentam vagas para servidoras e servidores da UFPeL, vagas para pessoas com deficiência, e as recém-criadas vagas para travestis e transgêneros. Trata-se de um sistema de acesso marcado por uma perspectiva multidimensional, vinculando-se a uma série de ações de permanência que requerem atenção especial, frente a necessidade de constante ampliação e aperfeiçoamento.

Até o fechamento deste número da Tessituras, duas mulheres indígenas já haviam se tornado mestres em Antropologia pelo PPGAnt-UFPeL. A apurinã Maria de Fátima N. Urruth (Kuawá Apurinã) e a kaingang Laísa Arlene Salles Ribeiro. Suas pesquisas tiveram temas, abordagens e percursos bastante originais, mas que parecem convergir em ao menos um aspecto: o desafio imposto pelas exigências formais da vida acadêmica, a conquista da escrita acadêmica como uma forma de empoderamento (URUTH 2018, p. 16) e de busca da autonomia no registro das culturas indígenas (RIBEIRO 2021, p. 105).

Integrantes de povos que valorizam a oralidade na preservação de suas tradições culturais, as indígenas que se fizeram mestres em Antropologia pelo PPGAnt relatam dificuldades diante dos protocolares ritos acadêmicos, mas também resiliência e superação. Nas considerações finais de sua dissertação, Laíssa Ribeiro considera que

“Ao final de muitas incertezas e muitos sofrimentos com a forma de escrita chego à conclusão de que a academia precisa compreender que, para nós indígenas, uma mudança na forma de escrever é também uma forma de apreendermos o sentido da cultura escrita, dos registros” (RIBEIRO 2021, p. 106).

A academia, de fato, tem muito a aprender com a crescente diversidade de seu corpo discente, o que só se dá quando pessoas de grupos sociais “diferenciados” passam a fazer parte do ambiente acadêmico, trazendo seus pontos de vista singulares sobre a realidade ao mesmo tempo em que são transformadas pela academia, e podem “reavaliar suas próprias experiências pessoais e culturais” (FONSECA 2020, p. 231). Essa última reflexão está na dissertação de mestrado da primeira mulher quilombola a se tornar mestre em Antropologia pelo PPGAnt-UFPeL, Leandra Ribeiro Fonseca, e podemos relacioná-la a uma segunda característica marcante dos primeiros dez anos do Programa, sua inserção nas comunidades historicamente excluídas do meio universitário.

Não é comum a vinculação de programas de pós-graduação com projetos e ações de extensão universitária. Menos ainda, a construção de tais atividades extensionistas priorizando a colaboração com grupos sociais em condição de vulnerabilidade. Contando com intensa participação discente, o PPGAnt tem promovido programas de rádio; podcasts; exposições digitais e presenciais; folhetos, histórias em quadrinhos e outros meios de divulgação com a participação direta de uma grande diversidade de coletivos (comunidades periféricas, LGBTQIA+, casas de religião de Matriz Africana, mulheres e artistas), além de contribuir para a gestão de unidades de conservação; realizar palestras e conferências em âmbito local, regional, nacional e internacional; divulgar gratuitamente materiais e resultados em redes sociais, e elaborar laudos periciais.

Por meio de suas muitas atividades extensionistas, o PPGAnt-UFPel procura se fazer presente fora dos limites ainda bem demarcados da Universidade, estabelecendo caminhos de ida e de volta entre o mundo acadêmico e territórios nos quais a Universidade se fez pouco presente ao longo de sua longa história. Mas, os laços se tornam muito mais fortes toda vez que o Programa é escolhido como espaço de formação por alguém da própria comunidade, tal como relata a antropóloga quilombola egressa do PPGAnt-UFPel, Leandra Fonseca:

“Hoje tenho essa relação entre minha comunidade e o mundo acadêmico, tudo o que eu aprendi com a minha família estará sempre na minha memória, na minha história de vida. Por outro lado, o que o mundo acadêmico oferece de conhecimento poderei levar para minha comunidade, mas o que faz sentido para o desenvolvimento da comunidade melhorar, e também levar esperanças para os jovens, levar a mensagem de que mudanças são possíveis quando lutamos e aproveitamos as oportunidades. As lutas individuais precisam se somar para se transformar em lutas coletivas” (FONSECA 2020, p. 231).

As linhas de pesquisa que conferem capacidade de solidificação e nucleação às áreas de Arqueologia e Antropologia irmanadas no PPGAnt se consolidaram no extremo sul do Brasil, longe dos grandes centros urbanos, em parte porque são capazes de incorporar relações e transformações como as que são descritas por Leandra Fonseca. Seu testemunho, inserido na própria dissertação como resultado de sua pesquisa de mestrado, é um estímulo aos esforços institucionais para diversificar o acesso à pós-graduação, e fomentar a permanência de discentes em vulnerabilidade social.

Um terceiro destaque necessário nesse texto comemorativo é a paulatina elevação da nota do PPGAnt nas avaliações periódicas da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Chegamos em apenas dez anos à nota 5 de um total de 7 pontos. A esse respeito, é preciso reconhecer o grande protagonismo docente, perseguindo metas inerentes à institucionalização da pós-graduação no Brasil, mas também há que se destacar a contribuição discente, sobretudo no que diz respeito aos novos critérios qualitativos, como a inserção de pessoas egressas no mercado de trabalho, por exemplo.

O acompanhamento de quem se diplomou pelo PPGAnt no último quadriênio (2017-20), indica que a quase totalidade das pessoas egressas se encontra

ocupada em funções que vão da atuação em programa de pós-graduação e outros cargos de docência (ensino de história ou ciências sociais no ensino médio, ensino superior e técnico, colaboração com universidades e outras instituições de ensino e pesquisa), à atuação junto a órgãos governamentais (IPHAN, FUNAI, Embrapa, Ministério da Pesca), em cargo técnico administrativo de universidade pública, no funcionalismo público municipal, no licenciamento ambiental ou como profissional liberal.

A contribuição discente para a elevação da nota do Programa passa pela boa avaliação das teses e dissertações defendidas, culminando na tripla premiação da tese de Jocyane Ricelly Baretta¹, defendida nas circunstâncias adversas da pandemia de Covid-19. Trata-se de uma pesquisa arqueológica sobre dinâmicas repressivas da Ditadura Militar que assume uma perspectiva crítica feminista e não omite a trajetória pessoal da própria autora, fazendo significativa menção aos percalços da adaptação ao ambiente universitário:

“Desde quando consegui, com muito custo, atravessar a porta estreita da universidade, que depois virou um gigante na minha frente, havia a sensação de inadequação. Era como se a bagagem que eu carregava comigo fosse pequena demais e insuficiente para que eu pudesse absorver todo aquele conhecimento que estava sendo oferecido. Por muitas vezes, só conseguia sentir vergonha. Mas eu queria muito estar ali, porque fui ensinada que, para alguém como eu, filha de mãe dona de casa que só frequentou a escola até o terceiro ano do ensino fundamental e de pai analfabeto, aquele era o único caminho a seguir. Hoje sei que isso não é verdade, esse é apenas um caminho possível. Entretanto, esse caminho de estudos me ensinou a perceber e reconhecer as opressões cotidianas que as mulheres pobres sofrem e, além disso, pude aprender a ver meus privilégios enquanto pessoa branca vivendo numa sociedade racista. É deste lugar que eu falo, porque esses sentimentos de humilhação, de vergonha e de raiva transformaram-se em mote para querer entrar cada vez mais na ‘barriga do monstro’, e me utilizar dessa estrutura para dizer, no mínimo, que é possível não ser assim!” (BARETTA 2020, p. 20).

Jocyane Baretta não foi cotista, mas seu relato também é de superação, sua experiência acadêmica inclui de forma decisiva a solidariedade a ex-colegas como as que citamos acima. A diversidade étnico-racial e de gênero que encontrou no PPGAnt foi para ela, como é para nós docentes, uma oportunidade para aprender, um convite ao engajamento, uma chance de colaborar para a mudança.

Ao longo de sua primeira década de existência, o PPGAnt-UFPel se tornou referência regional e nacional, atraindo, em sua maioria, pessoas graduadas nas universidades do estado do Rio Grande do Sul, mas também discentes vindos de outros estados brasileiros e de fora do país. De tal modo, constitui e reconstitui ciclicamente um ambiente favorável à colaboração entre as áreas de Antropologia e Arqueologia, um lugar de encontro, um ponto de convergência.

No limiar de sua segunda década, o Programa mira o futuro antecipando a elaboração de seu PEP, o Planejamento Estratégico do Programa. Processo dinâmico e multifatorial que conta com participação direta das três categorias

¹ Notícia em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgant/2021/11/24/tese-defendida-no-ppgant-recebe-premiacao/>

(discentes, servidor(as) técnico-administrativo(as) em educação e docentes). A comissão de elaboração do Plano conta com dois membros discentes para cada membro docente e reserva assento ao Secretário do curso. Ao analisar a situação atual, a Comissão identificou muitas divergências, mas as pessoas das três categorias concordam que as Ações Afirmativas e o Sistema de Cotas se encontram entre as maiores *forças* do Programa.

São muitos os desafios que o futuro nos reserva, a começar pela manutenção da destacada nota 5 nas próximas avaliações quadriennais. Dentre tais desafios, convém reconhecer que o desenvolvimento de um programa como o PPGAnt passa pela internacionalização, necessidade que se impõe a toda a pós-graduação brasileira.

No momento, contamos com parcerias e acordos de cooperação com universidades e centros de pesquisa no Uruguai, em Portugal, na Catalunha (Espanha), no Reino Unido e na França, mas para vislumbrar o que poderá vir a ser a internacionalização do PPGAnt em sua próxima década, talvez seja importante recorrer uma vez mais ao protagonismo discente. A formação entre nós da mestre cabo-verdiana em Antropologia com habilitação em arqueologia, Sandra Samira Tavares Miranda, e a presença de um doutorando de Guiné-Bissau, Marciano Sanca, e de um mestrando vindo do Uruguai, Javier Lemos Zito, podem indicar caminhos de internacionalização ainda pouco explorados, que possam incluir estrategicamente a América Latina e o Continente Africano.

O corpo docente do PPGAnt, nessa nota representado por sua Coordenação, entende que as disciplinas e eventos, a orientação e a coordenação de projetos, a produção técnica, bibliográfica, artística e cultural que promove, têm por base o profundo respeito pela trajetória de quem optou por se formar conosco. Aqui zelamos para que se possam produzir as melhores mudanças individuais e coletivas, em favor do desenvolvimento das comunidades envolvidas, colocamos nossa modesta estrutura contra os privilégios, contra a opressão. Habitamos a 'barriga do monstro', mas resistimos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos colegas, editores de Tessituras, pela oportunidade de incluir essa nota na edição da revista que coincide com os dez anos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. A responsabilidade pelo teor se restringe aos autores da nota.

REFERÊNCIAS

BARETTA, Jocyane Ricelly. Uma arqueologia do inferno: misoginia e feminização através do aparato material da ditadura em Porto Alegre/RS (1964/1985). Orientadora: Loredana Ribeiro. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

FONSECA, Leandra Ribeiro. Mulheres quilombolas : trajetórias de luta e identidades em construção. Orientadora: Rosane Aparecida Rubert. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

RIBEIRO, Laísa Arlene Salles. Cultura de Resistência entre memórias e imaginação à materialização: Meninos/homens kaingang na contemporaneidade na Terra Indígena Guarita/RS. Orientadora: Lori Altmann. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

URRUTH, Maria de Fátima N. “Terra, Vida, Justiça e Demarcação”: mulheres Kaiowá e a luta pela Terra Indígena Taquara, município de Juti, Mato Grosso do Sul, Brasil. Orientador: Jorge Eremites Oliveira. Dissertação (Mestrado em Antropologia – Área de Concentração em Antropologia Social e Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.